Comunicação e multiculturalismo: uma possibilidade de reflexão sobre a representação do cigano no cinema brasileiro[1]

Francielle Felipe F. de MIRANDA[2]
Lisandro NOGUEIRA[3]
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás

RESUMO: Este artigo situa o projeto multiculturalista na análise dos produtos culturais e propõe esta linha para compreender os rompimentos com as concepções fixas ocorridos na indústria cultural que passa a ter a possibilidade ofertar produtos mais flexíveis para melhor se adaptar a padrões específicos e regionais visando consumidores variados. Neste contexto, dá-se início a uma reflexão sobre a possibilidade de compreensão da representação do cigano brasileiro na produção cinematográfica nacional a partir deste viés.

PALAVRAS CHAVE: Multiculturalismo; cinema; ciganos.

O século XX promoveu uma revolução cultural que modificou profundamente atividades, instituições e práticas. Ao mesmo tempo, como afirma Hall (1997), a cultura tem assumido uma função de importância no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Onde, os principais veículos destas transformações são a tecnologia e a revolução informacional.

Os produtos culturais desta revolução cultural não comparam-se em termos de valor às conquistas de outros momentos históricos — as antigas civilizações egípcias, a arte renascentistas e etc. Entretanto as revoluções culturais do final do século XX têm uma amplitude de impacto que não podem ser desconsideradas seja pela nova compreensão de espaço e tempo, economia ou política.

---

[1] Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.
[2] Mestranda em Comunicação, cultura e cidadania – FACOMB, UFG. E-mail: franciellefelipe@gmail.com
[3] Orientador do trabalho. Professor do programa de mestrado em Comunicação, cultura e cidadania – FACOMB, UFG. E-mail: lisandronogueira@gmail.com

> Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos — e mais imprevisíveis — da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma "política cultural". (HALL, 1997, p.4)

Com a revolução do pensamento humano em relação à cultura a partir da década de 1960, concedendo à mesma um peso e importância maior que em momentos anteriores, vendo a cultura como parte da constituição da vida social, ocasiona no que Hall (1997) e Jameson (2006) chamam de "virada cultural".

O termo refere-se a uma mudança de paradigma nas ciências sociais e humanas e de acordo com Hall, iniciou com uma revolução de atitudes em relação à linguagem.

> A "virada cultural" está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. (HALL, 1997, p.10)

Do desdobramento desta nova visão na linguagem, o conceito é ampliado para a vida social como um todo nas ciências sociais.

O raciocínio parte do princípio que os processos econômicos e sociais, por dependerem do significado e terem conseqüências em nossa maneira de viver, naquilo que somos — nossas identidades — e dada a "forma como vivemos", também têm que ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas.

Dada a esta "centralidade da cultura", o próximo desdobramento seria o da relação cultura e poder. "Quanto mais importante — mais 'central' — se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam". (HALL, 1997, p.15)

Independente do que tenha a habilidade interferir na configuração geral da cultura, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural, as práticas e suas instituições. Isso pode ser claramente observado no interesse dos grandes grupos econômicos e empresariais (e por que não, políticos) em controlar canais de televisão, fluxo de imagens, publicações e a autonomia destas formas de influência.

É inegável a observação da relação entre a mudança cultural determinada pelo elo "cultura-estado-economia-mercado".

É nesta aproximação de diversas linhas de teorização e análise do simbólico e do social, que os "Estudos Culturais" ganham força operando como uma concepção

interdisciplinar que utiliza teoria social, política, história, teoria literária e cultural, filosofia e outros discursos teóricos.

> Os "Estudos Culturais" situam a cultura no âmbito de uma teoria da produção e reprodução social, especificando os modos como as formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra dominação. (KELLNER, 2001, p. 42)

A progressiva atuação das indústrias culturais como elementos mediadores em diversos processos políticos e econômicos, coloca a mídia como um dos pilares de análise e compreensão da sociedade. E para os "estudos culturais", passa a figurar junto a outras instituições como instrumento de anuência à ordem dominante, estabelecendo a hegemonia ou domínio ideológico de determinado tipo de ordem social.

> (...) a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das idéias e imagens vigentes nestas sociedades. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e idéias. (HALL, 1997, p.2)

A cultura nunca foi tão importante, e nunca antes tivemos tanta necessidade de um exame sério e minucioso da cultura contemporânea. Para compreender o que acontece em nossa sociedade torna-se necessário estudar as lutas concretas que estão expostas nos textos da mídia, em especial a mídia comercial da indústria cultural, que para ser lucrativa, necessita de apelo popular.

Na maioria dos países capitalistas, a mídia veicula uma forma comercial de cultura. A necessidade de vender esta mercadoria implica que as produções da indústria cultural devem ser eco da vivência social, atrair grande público e oferecer produtos atraentes. Conseqüentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser ingenuamente renunciada como um instrumento trivial da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes com base nos discursos e forças sociais que a formam.

A partir da década de 60, quando a mídia com maior força e intensidade, permeia guerras culturais, movimentos sociais intensos e os processos de reorganização econômica e política, inaugura-se um novo tipo de cultura perpassada pela cultura do mercado e do consumo.

Assistimos desde então, um crescente interesse pelo controle dos meios de produção cultural, pois este mando passa ser instrumento de poder. Sendo a cultura midiatizada, promove-se o controle através dos interesses econômicos nas espetacularizações do cotidiano, comandando o nosso senso estético e juízo de valor.

As formas elevadas de cultura vão paulatinamente desaparecendo e acaba o absolutismo das idéias que promove a quebra do discurso hegemônico nas artes e na produção cultural. Tudo é relativizado em função dos novos valores que surgem.

A mídia enquanto elemento da centralidade de nossa cultura transformou-se numa força dominante de socialização: "suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento". (KELLNER, 2001,p.20)

O mesmo autor propõe o termo "cultura da mídia" para descrever o projeto de análise de complexas relações entre textos, públicos, indústrias da mídia, política e contexto histórico em determinadas conjunturas.

Esta abordagem permite enxergar que a mídia merece exame e crítica, possibilitando, a partir disto, uma compreensão multicultural dos processos de produção cultural.

> A expressão cultura da mídia também tem a vantagem de dizer que a nossa é uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura, que os meios de comunicação de massa suplantaram os modos anteriores de cultura como livro, ou a palavra falada, que vivemos num mundo onde a mídia domina o lazer e a cultura. Ela é, portanto, a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas. (KELLNER, 2001, p.54)

A leitura dos produtos culturais nos permite perceber os valores dominantes de nosso tempo e observar que esta cultura midiatizada inaugura novas subjetividades; diferentes percepções de espaço, tempo e realidade; múltiplas e instáveis identidades e novos agenciamentos políticos e econômicos que forçam o indivíduo a aprender a conviver com uma imensa fragmentação e proliferação de imagens que formam a rede de significações de seu cotidiano.

Esta leitura nos possibilita perceber que há uma luta entre representações que espelham as lutas sociais existentes e decodificam os discursos políticos da época.

> Ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos

> genéricos, a posição dos observadores, suas imagens dominantes, seus discursos e elementos estético-formais incorporam certas posições políticas e ideológicas e produzem efeitos políticos. (KELLNER, 2001, p.76)

Não compete a este artigo discutir as metodologias mais adequadas para realizar uma leitura apropriada dos produtos midiáticos, apenas perceber neste instante, o quanto estes produtos nos oferecem amplo recurso para compreender a ordem social vigente, a cultura contemporânea.

Comunicação e multiculturalismo

Da proliferação de novos discursos decorrentes da teoria pós-estruturalista nos anos 1960 na França, que rejeitavam as teorias totalizadoras, universalizantes e cientificistas do estruturalismo, da semiótica, psicanálise, surgem novas teorias de linguagem, sujeito, política e cultura.

O discurso em torno de raça, classe, etnias, preferências sexuais e nacionalidades desafiavam os discursos teóricos a explicar os fenômenos antes ignorados ou subestimados.

Com a globalização teórica nas décadas de 70 e 80 e a ultrapassagem das linhas divisórias entre os campos do saber, parte dos estudos sobre cultura e mídia foram inevitavelmente impelidos para as fronteiras de classe, sexo, raça, sexualidade, etnia e outras características que distinguem os indivíduos uns dos outros e por meio das quais as pessoas constroem sua identidade.

É neste contexto, que surgem os estudos sobre comunicação e multiculturalismo.

O interesse neste tipo de discussão ao que tudo indica, parece advir da necessidade de nos darmos conta do grande processo de deslocamentos e justaposições, que rompem com as concepções fixas na indústria cultural. Esta indústria reproduz assim, as mudanças que vêm ocorrendo no modelo centralizador e unidirecional de produção do próprio capitalismo para “a produção flexível, articulada em rede.” (ABDALA JÚNIOR, 2004, p.10)

Apesar da estandardização solicitada pela produção em larga escala no império do capital, não são inibidas conformações mais flexíveis de produtos culturais para melhor se adaptar a padrões específicos e regionais visando consumidores variados. Combinando a padronização dos produtos culturais dirigidos às grandes massas com a possibilidade de atendimento de expectativas de consumo mais segmentadas.

Acentuada nas últimas décadas do século XX, pela aceleração e padronização dos meios tecnológicos e informacionais, a globalização promoveu uma mundialização da economia e conseqüentemente, da cultura. Este movimento promove a transformação dos territórios nacionais, o enfraquecimento do Estado nacional e o acirramento da tensão entre o local e o global.

> Diante das multiplicidades de fronteiras (imperiais, de expansão; ou cooperativas, justapostas), parece-nos que se torna necessário reconstruir a vida em sociedade associada a um Estado que promova o bem social, deixando-o capaz de desempenhar novos papéis. (ABDALA JÚNIOR, 2004, p.13)

A multiculturalidade passa a se configurar como característica emergente das sociedades contemporâneas, especialmente no contexto dos processos de integração das identidades nacionais e seus processos de desintegração progressiva como marco da globalização.

Teresa Velázquez (2001) afirma que a multiculturalidade da sociedade contemporânea institui relações sociais, econômicas, culturais e de poder que derivam em múltiplos e variados fatores que exigem que as instituições de poder político revisem suas leis, que os meios de comunicação tratem temas vinculados a estas circunstâncias; a educação incorpore em seus conteúdos curriculares aspectos sobre a diferença, identidade e respeito ao outro, que o mundo empresarial leve em consideração esta realidade multicultural e que as organizações civis e as instituições políticas de caráter social tenham o compromisso de se preocuparem com as situações que originam esta sociedade multifacetada.

Os produtos culturais e midiáticos que antes pasteurizavam e homogeneizavam as culturas (monocultura dominante) passam a ter a possibilidade de fazer da diferença um argumento de venda. E colocam a rica e conflitiva interação entre distintos segmentos socioculturais como uma das novas possibilidades de consumo.

Esta conjuntura converte a comunicação em um processo crucial para a compreensão da multiculturalidade e ao mesmo tempo, uma forma essencial de interação com o poder, constitutivo dos processos de estruturação da significação e da dominação, assim como da legitimação nos agenciamentos socioculturais.

> Multiculturalismo – um termo duplo para nomear qualquer coisa desde o discurso minoritário até a crítica ao pós-colonialismo, desde os estudos gays e lésbicos até a ficção *chicana*, tem se convertido no signo mais carregado para descrever as dispersas contingências sociais que caracterizam a crítica cultural (Kulturkritik) contemporânea. O multicultural

> tornou-se um "significante flutuante" (...) para marcar processos em que a diferenciação e a condensação parecem ocorrer quase sincronicamente. (BHABHA, apud. NAVARRO, 2001, p.5)

Os desafios que esta abordagem sugere são enormes em função das antigas e recentes contradições das relações interculturais. Perpassam pela necessidade de compreender a mídia como responsável por todas as mediações sociais, como quem regula a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares.

Os ciganos brasileiros no cinema: o início de uma reflexão

Frente a esta nova formatação social, temos os ciganos, que além do histórico nômade configuram-se como transmigrantes (IANNI, 1996, apud. COGO, 2000) muito antes do advento econômico e cultural da globalização, no sentido da multiplicação de experiências de transculturação, pluralidade e relatividade de aceitação social nos países em que se estabeleceram ao longo do tempo.

Neste sentido, surgem inúmeros questionamentos, dentre eles o de como é representada no cinema do século 21, uma etnia multicultural em sua essência, historicamente excluída e ao mesmo tempo, tão fechada para o intercâmbio cultural.

Para esta reflexão, o projeto multiculturalista é bastante adequado por entender as relações como dialógicas e parte do princípio da igualdade radical dos povos com relação ao status, inteligência e aos direitos; critica as relações de poder e busca a reconceitualização destas entre as comunidades culturais.

Robert Stam (2003) ressalta a importância de se distinguir a abordagem "multiculturalista" da "pluralista liberal" ao buscar compreender a cultura contemporânea nas produções cinematográficas locais.

O "pluralismo liberal" ao identificar diversos atores culturais, assume uma postura "inclusiva", quase que caritativa, outorgando uma pseudo-igualdade de pontos de vista entre culturas hegemônicas e as marginais. Esta abordagem presume identidades fixas, unificadas e essencialistas. Este tipo de discurso nada mais é que o eurocêntrico reelaborado.

Enquanto a abordagem multiculturalista exige mudanças no tocante às imagens e às relações de poder, identifica as comunidades minoritárias como participantes ativos e produtores. Identidades múltiplas, instáveis e historicamente situadas.

A deportação de ciganos portugueses para o Brasil inicia oficialmente no ano de 1686, em uma disposição de D. Pedro II que recomendava ao corregedor da comarca da

cidade de Elvas que não permitisse que os ciganos que estavam sendo expulsos de Castella entrassem no Reino. E mandava que os que já tivessem entrando deveriam ser presos e desterrados para a África e para o Maranhão, estado brasileiro que mais recebeu ciganos em sua colonização, CHINA (1936).

Desde então, são numerosos os documentos da coroa portuguesa, posteriormente das capitanias brasileiras que registram a entrada constante de ciganos no Brasil nos séculos 17 e 18, e mais tarde uma nova corrente migratória após o fim da escravidão a partir do ano de 1888 juntamente com os imigrantes Italianos, Alemães, Espanhóis e do Leste Europeu.

É interessante observar que toda a literatura que propõe um resgate histórico dos ciganos, o faz através de arquivos de decretos, alvarás e outros dispositivos legais. A documentação é escassa e dispersa. Sendo ágrafos, os ciganos não deixaram registros escritos.

Praticamente só se falava nos ciganos quando sua presença incomodava as autoridades. "Assim, raramente nos documentos, aproximamo-nos deles indiretamente, através de mediadores, chefes de polícia, clérigos e viajantes. Nestes testemunhos, a informação sobre os ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro." (TEIXEIRA, 2008, p.2)

Os estudos ciganológicos do começo do século passado insistem uma classificação neopositiva e toda história tecida sobre eles é na verdade uma viagem nas línguas, estéticas, nas políticas antivagabundos e antiartistas, religiões e concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos tiveram contato em todo o orbe.

Neste exercício de análise e compreensão, não podemos confundir os ciganos com aquilo que foi dito sobre eles. Ainda que hajam semelhanças, trata-se de um discurso que foi reinterpretado, socialmente e historicamente localizado.

Durante o processo de evolução do Brasil colônia, para império até a república esta etnia construiu um histórico não muito distinto dos demais locais do mundo: séculos de perseguição, expulsão, misturados a alguma romantização do seu ideal de vida.

Na república, os ideais progressistas e desenvolvimentistas tomam conta do pensamento da nação e não há lugar nas cidades para os ciganos, pois seus valores são incoerentes com os da "civilidade", perambulavam sujos, pobres e maltrapilhos pela cidade; tinham modos rudes e eram analfabetos. Além disso, nômades e indisciplinados, falavam uma língua própria, incompreensível para o não-cigano.

> "Os nômades parecem atrair a incompreensão de todos. Do Estado, que tende fixá-los, integrá-los, controlá-los. Da sociedade sedentária, que desconfia deles porque não consegue compreendê-los. De uma concepção estreita da civilização moderna, que só reconhece o que é localizável, previsível e programável." [Einadi, B. & Rifaat, A. "Mês a mês (editorial)", O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, ano 23, nº 1, 1995 (Nômades: uma liberdade vigiada), p. 5.

É na evolução deste contexto social relativos à etnia cigana e o seu intercurso com os demais brasileiros que estamos interessados e de que forma o poderemos compreender através da produção cinematográfica brasileira do século XXI. Se, por um lado o cinema é mimese e representação, por outro, é também enunciado, um ato de interlocução contextualizada entre produtores e receptores socialmente localizados. (STAM, 2003, p.301)

O projeto multiculturalista ganha espaço nos estudos sobre cinema nas últimas décadas do século vinte e passa a desenvolver reflexões e trabalhos envolvendo a representação étnica, racial e cultural no cinema hollywoodiano – principalmente o negro nos EUA e indígenas norte-americanos. Mais tarde, outros grupos inferiorizados, dentre eles os latinos também ganham espaço nesta discussão.

As principais contribuições destes estudos residem na análise de estereótipos que revelou padrões opressivos de preconceito; destacaram a devastação psíquica infligida por representações sistematicamente negativas dos grupos agredidos e seus efeitos e sinalizou a funcionalidade social dos estereótipos observando que não é um erro de percepção e sim um modo de controle social (prisões da imagem).

Entretanto, na busca por compreender a representação dos ciganos brasileiros no cinema queremos transcender a mera identificação de estereótipos negativos sem localização histórica. Optamos por um viés que utiliza a linguagem cinematográfica para compreender as correlações de poder através do estudo da narrativa, o estilo cinematográfico, enquadramentos, música, iluminação e demais aspectos da técnica que nos possibilita identificar as vozes culturais em jogo.

Reconhece-se o importante papel do cinema e dos produtos culturais em geral que se responsabilizam por várias das mediações sociais atuais, muitas vezes regulando a relação do indivíduo com o mundo e com seus iguais.

Desconhece-se no país uma produção cinematográfica genuinamente cigana como ocorre fortemente no Leste Europeu, em especial na Romênia. E isso possibilita observar que estando a lógica midiática conjugada sincronicamente com os paradigmas

do mercado e por conseqüência, a do consumo, coloca de lado um número cada vez maior de indivíduos e populações excluídas dos procedimentos velozes dos bens de consumo e possibilidade de voz.

Repetimos um histórico presente no início da história dos ciganos no Brasil. Eles não falam por si. Falamos por eles ou deles. Como nos lembra BERNADET (2003), somos a voz do saber que dissolve o indivíduo representado em estatísticas, desprovidos de história individual e que não possuem nenhum conhecimento sobre si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A multiculturalidade como uma das características da sociedade contemporânea nos possibilita compreender a globalização da cultura através da análise desta particularidade presente também nos produtos culturais.

Ao buscar o viés multiculturalista para estudo das relações entre cinema e cultura cigana, surge diante de nós um universo extenso e pouco explorado de reflexão que pretende colaborar para a crítica às relações de poder e busca pela reconceitualização destas entre as comunidades culturais representadas nos produtos midiáticos, em especial o cinema. Almejando desta forma, "a criação de novas estruturas sociais, capazes de comportar toda a complexidade da contemporaneidade e de seus sujeitos, obrigados a permanecer acorrentados a antigos e ineficazes dogmas e conceitos". (PAIVA, 2005, p.25)

No fundo de tudo, o que se almeja é uma comunicação ética, onde o cinema ajudará a construir uma mentalidade coletiva de respeito às diferenças e convivência pacífica entre culturas num momento onde todas as instituições que fortaleciam os pilares da identidade estão desestabilizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABDALA JUNIOR, Benjamin. "Um ensaio de abertura: mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismo". in: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (org.) **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas.** São Paulo: Boitempo, 2004.

BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHINA, J. B. **Os ciganos do Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado,1936.

COGO, Denise. "Multiculturalismo, comunicação e interculturalidade: cenários e itinerários conceituais", In: PERUZZO, Cicília Maria K. PINHO, José Benedito (Co-autores). **Comunicação e multiculturalismo.** Manaus: INTERCOM: Universidade do Amazonas, 2001.

HALL, Stuart. "The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time". In: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation.** London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5). Disponível em: www.ufrgs.br/neccso/word/texto_stuart_centralidadecultura.doc Acesso: 23/11/2009 – 15:06

JAMESON, Frederic. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2006

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

NAVARRO, Raúl Fuentes. "El multiculturalismo y los riesgos de reduccionismo em comunicación", In: PERUZZO, Cicília Maria K. PINHO, José Benedito. **Comunicação e multiculturalismo.** São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

PAIVA, Raquel. "Mídia e política de minorias", In: PAIVA, Raquel. BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema.** São Paulo: Papirus, 2003.

TEIXEIRA, Rodrigo C. **História dos ciganos no Brasil.** Recife: NEC, 2008.

VELÁZQUEZ, Teresa. "Multiculturalidad, diversidad cultural y comunicación", In: PERUZZO, Cicília Maria K. PINHO, José Benedito. **Comunicação e multiculturalismo.** São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.